

# Uma Perspectiva sobre o Relatório da OCDE “Health at a Glance 2019”

## A Perspective on the OECD Report “Health at a Glance 2019”



Adalberto CAMPOS FERNANDES✉<sup>1</sup>  
Acta Med Port 2020 Jan;33(1):4-6 • <https://doi.org/10.20344/amp.13251>

**Palavras-chave:** Indicadores Básicos de Saúde; Indicadores de Qualidade em Cuidados de Saúde; Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico; Portugal

**Keywords:** Health Status Indicators; Organisation for Economic Co-Operation and Development; Portugal; Quality Indicators, Health Care

### INTRODUÇÃO

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) tem prosseguido, ao longo das últimas décadas, um trabalho de avaliação do estado de saúde dos cidadãos europeus, dos fatores de risco para a saúde, dos resultados em saúde bem como do desempenho global dos sistemas de saúde. O relatório apresentado resulta de um exercício colaborativo para o qual contribuíram diversas entidades nacionais e internacionais com particular destaque para a Organização Mundial de Saúde e o Eurostat.

O relatório publicado em 2019 reparte, por onze capítulos, a análise comparativa sobre os diferentes países que integram esta organização: (i) síntese de indicadores: desempenho comparativo dos países e principais tendências (ii) medir o que é importante para um sistema de saúde centrado nas pessoas (iii) estado da saúde (iv) fatores de risco para a saúde (v) acesso aos cuidados de saúde (vi) qualidade e *outcomes* (vii) despesa em saúde (viii) profissionais de saúde (ix) atividade assistencial (x) setor farmacêutico e (xi) envelhecimento e *long term care*.<sup>1</sup>

### TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA

O envelhecimento populacional representa um dos fatores determinantes para o processo de transição demográfica que se regista no mundo. A transformação social, em curso, tem influenciado os modelos de procura e de resposta às necessidades de saúde dos cidadãos. Os modelos de financiamento e de organização dos sistemas de saúde estão confrontados com novos paradigmas de cobertura universal e de acesso a cuidados de saúde.

No conjunto dos países analisados no relatório *Health at a Glance 2019*, Portugal integra o grupo de países com maior nível de envelhecimento (Japão, Itália, Alemanha, Portugal). Em média, nos países da OCDE, a expectativa de vida aproxima-se dos 81 anos. Em termos globais, o envelhecimento populacional está a ocorrer a um ritmo muito intenso sendo cada vez mais reduzido o tempo necessário para duplicar a percentagem da população com mais de 60

anos de idade.<sup>2</sup>

Em Portugal, em 1970, a esperança média de vida era de cerca de 66,7 anos sendo, atualmente, de 81,5 anos, que compara com a média dos países da OCDE de 80,7 anos. Entre 1960 e 2017, a proporção da população com 65 ou mais anos de idade passou de cerca de 9% para mais de 17% tornando Portugal um dos países com um ritmo de maior crescimento da população idosa, nos países da OCDE. Em 2050, é previsível que possa atingir os valores de 35% para a população com idade igual ou superior a 65 anos e de 13,4%, para a população acima dos 80 anos.<sup>3</sup>

### TRANSIÇÃO EPIDEMIOLÓGICA

O relatório sinaliza o peso crescente das doenças não comunicáveis com particular relevância para a diabetes, as doenças cardiovasculares, o cancro e as doenças respiratórias cujo impacto se faz sentir na mortalidade e na morbilidade bem como nos níveis de dependência e de incapacidade.

As doenças cardiovasculares foram responsáveis, nos países da OCDE, por uma em cada três mortes enquanto o cancro surge como responsável por uma em cada quatro mortes. O aparente sucesso na melhoria dos indicadores de morbilidade e de mortalidade relacionado com as doenças cardiovasculares, nas últimas décadas, parece estar a perder dinamismo.

Portugal tem vindo a registar um padrão de mortalidade e de morbilidade em linha com o que se passa na generalidade dos países mais desenvolvidos que integram a OCDE (*middle and high income countries*).

O peso crescente das doenças crónicas (*burden of disease*) está a provocar um forte impacto nos sistemas de saúde tanto ao nível das respostas como da sua própria sustentabilidade. As doenças crónicas estão a afetar um número cada vez maior de pessoas, em todo o mundo, sendo que quase um terço dos adultos vive com duas ou mais doenças crónicas.<sup>4</sup>

1. Escola Nacional de Saúde Pública. Universidade NOVA de Lisboa. Lisboa. Portugal.

✉ Autor correspondente: Adalberto Campos Fernandes. [adalberto.fernandes@ensp.unl.pt](mailto:adalberto.fernandes@ensp.unl.pt)

Recebido: 08 de dezembro de 2019 - Aceite: 09 de dezembro de 2019 | Copyright © Ordem dos Médicos 2020



Portugal apresenta ainda resultados muito negativos em termos de prevalência da diabetes entre adultos, com uma prevalência registada, em 2017, de 9,9%, sendo apenas ultrapassado, pela Índia (10,4%), pelos Estados Unidos (10,8%), pela Turquia (12,1%) e pelo México (13,1%). No que diz respeito ao cancro, Portugal apresenta taxas médias de sobrevivência melhores do que a média dos países da OCDE. No caso específico do cancro da mama, Portugal está incluído no grupo de seis países que registam uma taxa de sobrevivência mais alta (Portugal, Israel, Itália, Coreia do Sul, Nova Zelândia e Espanha).

A saúde mental representa um dos maiores desafios para o conjunto dos países da OCDE. Nas últimas décadas, os problemas de saúde mental agravaram-se significativamente sendo estimado que uma em cada duas pessoas sofre de um problema de saúde mental, ao longo da vida. O envelhecimento populacional tem contribuído para um aumento dos problemas de saúde mental com particular destaque para as doenças degenerativas e os quadros demenciais sendo que a prevalência média das demências (2,3%) sobe, exponencialmente, no grupo etário dos 65 aos 69 anos (42%).

Nos países da OCDE, em média, estima-se que a demência afete cerca de 15 em cada 1000 pessoas. Em Portugal a prevalência da demência situa-se ligeiramente acima dos 20 casos por 1000 prevendo-se, contudo, que possa duplicar em 2050 (40,5 casos por 1000 habitantes).

## ESTILOS DE VIDA

O peso das doenças crónicas tem vindo a ser crescente com forte impacto ao nível individual, social e económico. A importância crescente das doenças não comunicáveis torna necessária uma ação conjunta ao nível das políticas públicas multissetoriais no sentido da promoção de estilos de vida saudáveis.<sup>5</sup>

A obesidade tem vindo a aumentar, de forma muito significativa, com particular enfoque nas crianças e adolescentes. No conjunto dos países que integram a OCDE cerca de 56% da população é obesa ou apresenta excesso de peso. Em Portugal, merecem particular preocupação os dados relativos à obesidade, em crianças com idades entre os cinco e os nove anos de idade, com uma prevalência de 37,1% colocando o país em nono lugar a seguir a Israel, com 37,7%, e da Espanha, com 37,9%.

O consumo de álcool permanece como uma das principais causas de morte e de incapacidade em todo o mundo, principalmente entre a população ativa. De acordo com dados disponibilizados no relatório, Portugal é o oitavo país da União Europeia com mais mortes causadas pelo álcool ocupando o nono lugar dos países com maior consumo (10,7 litros *per capita*). A evolução, em Portugal, entre 2007 e 2017, apresenta, no entanto, sinais muito positivos com uma redução de cerca de dois litros no consumo de álcool *per capita*.

Relativamente ao consumo de tabaco, importa sublinhar que a Organização Mundial da Saúde estima que o tabagismo seja responsável por cerca de sete milhões

de mortes em cada ano. Ao longo da última década, as taxas diárias de tabagismo têm registado uma diminuição na maioria dos países da OCDE (23% em 2007 para 18% em 2017). Portugal apresenta uma evolução positiva no consumo de tabaco com uma média de fumadores diários, maiores de 15 anos, abaixo da média da OCDE (16,8%). Apesar da evolução, globalmente positiva, na generalidade dos países, o tabagismo, o consumo de álcool e a obesidade representam importantes causas de mortalidade prematura e de degradação da qualidade de vida.

As políticas de promoção da saúde e de prevenção da doença requerem um impulso acrescido uma vez que muitas das mortes verificadas neste grupo de doenças poderão ser evitadas. Uma prevenção mais eficaz, associada a um melhor acesso a cuidados de saúde de qualidade, em tempo útil, poderia ter evitado cerca de três milhões de mortes prematuras.

## DESPESA EM SAÚDE E RESULTADOS

Nos últimos cinquenta anos, as despesas em saúde foram superiores ao crescimento económico nos países da OCDE. Em grande medida, estas despesas representaram um investimento na melhoria do estado de saúde das populações incorporando um relevante valor acrescentado para a criação de riqueza, desenvolvimento social e económico dos diferentes países.

A trajetória demográfica, a generalização da cobertura dos cuidados de saúde e a incorporação da inovação terapêutica e tecnológica confrontaram os sistemas de saúde com riscos de sustentabilidade financeira, no médio e no longo prazo.<sup>6</sup>

Nos seis países onde se projeta que o crescimento *per capita* seja superior em mais de um ponto percentual ao observado entre 2000 e 2015 (Islândia, Hungria, México, Israel, Portugal e Turquia) registou-se um abrandamento do crescimento das despesas de saúde na sequência da crise económica e financeira mundial.

Em Portugal, a despesa pública em saúde por habitante continua inferior à média da OCDE. Ao mesmo tempo, Portugal é ainda um dos países em que a percentagem de pagamentos diretos, por parte dos cidadãos e das famílias, representa uma parte significativa das despesas em saúde (28%). Do ponto de vista da correlação entre despesa e resultados em saúde Portugal integra o conjunto de oito países que gastam menos do que a média da OCDE e que apresentam uma esperança de vida mais alta (Portugal, Itália, Coreia do Sul, Espanha, Eslovénia, Grécia, Israel e Nova Zelândia).

## COMENTÁRIOS FINAIS

A evolução do sistema de saúde português tem sido globalmente positiva. Portugal apresenta resultados muito favoráveis nas áreas da saúde infantil, saúde materna e vacinação. A taxa de mortalidade infantil permanece como uma das baixas dos países da OCDE. Os resultados alcançados no âmbito das doenças não comunicáveis são, igualmente, relevantes particularmente no diagnóstico e no

tratamento do cancro.

Portugal, regista, no entanto, importantes desequilíbrios que comprometem a equidade no acesso a cuidados de saúde. Uma parte destes desequilíbrios reside na assimetria da oferta de cuidados de saúde no território bem como de taxas elevadas de pobreza e de exclusão social geradoras de desigualdades sociais (47% das pessoas com menores rendimentos adiam consultas por razões económicas). Apesar das melhorias registadas, Portugal apresenta ainda barreiras geográficas e económicas que dificultam o acesso aos cuidados de saúde.

Em Portugal, tal como na generalidade dos países que integram a OCDE, o envelhecimento representa um dos maiores desafios para a sustentabilidade dos sistemas de saúde e de proteção social.

Em Portugal, a despesa pública com cuidados continuados integrados representa cerca de 0,5% do PIB em Portugal, sendo ainda uma das mais baixas taxas da OCDE (cuja média é 1,7%). É fundamental assegurar que se criam condições para um envelhecimento ativo e saudável com manutenção da capacidade funcional capaz de perseverar o bem-estar das pessoas idosas potenciando a sua interação com o meio. Neste contexto, o sistema de saúde e a segurança social deverão fazer convergir

ações no sentido de eliminar ou diminuir as restrições ao acesso centralizando o sistema nas necessidades das pessoas idosas.

O relatório aponta a necessidade de uma convergência estratégica entre as áreas da saúde e da proteção social de modo a potenciar os efeitos num quadro de maior eficiência na utilização dos recursos disponíveis.

Um aspeto decisivo no âmbito das políticas públicas passará pelo reforço das medidas e iniciativas de promoção da saúde e de prevenção da doença, com particular enfoque nas doenças evitáveis.

A ação conjunta, colaborativa e participativa de natureza multissetorial poderá contribuir para as necessárias mudanças nos estilos de vida reduzindo, dessa forma, os impactos decorrentes do consumo de tabaco, de álcool, sal e açúcar promovendo o exercício físico e a redução da obesidade em particular nas populações mais jovens.

O desafio das próximas décadas, para o sistema de saúde português, passa pela convergência entre longevidade e qualidade de vida nos últimos anos. A redução da carga de doença, a gestão eficaz e continuada da doença crónica, a intervenção sobre os fatores de risco e os determinantes sociais deverão estar no epicentro das estratégias e das políticas de saúde.

## REFERÊNCIAS

1. Organisation for Economic Co-operation and Development. Health at a glance 2019: OECD indicators. Paris: OECD Publishing; 2019.
2. World Health Organization. World report on ageing and health. Geneva: WHO; 2015.
3. Rosa MJ. O envelhecimento da sociedade portuguesa. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos; 2016.
4. Beaglehole R, Bonita R, Ezzati M, Alleyne G, Dain K, Kishore SP et al. NCD Countdown 2025: accountability for the 25× 25 NCD mortality reduction target. Lancet. 2014;384:105-7.
5. Prakash S. Non-communicable diseases (NCDs): a global challenge. Biomed J Sci Tech Res. 2017;1:325-6.
6. Suzman R, Beard JR, Boerma T, Chatterji S. Health in an ageing world-what do we know? Lancet. 2015;385:484-6.